

A novela Chico Mendes

A viúva do líder seringueiro garante que o menos importante é o filme: o que vale são suas idéias

Susana Schild

MENOS de seis meses após o seu assassinato, no dia 22 de dezembro, a questão "quem matou Chico Mendes" corre o risco de ser substituída por outra, sem a mesma relevância, mas, supostamente com muito mais *glamour*: "Quem faria o melhor filme sobre Chico Mendes?" Em entrevista coletiva realizada ontem à tarde na ABI, sua viúva, Ilzamar Gadelha Bezerra Mendes e Gilson Pescador, ex-vigário de Xapuri a quem caberiam a decisão junto com dois outros membros da Fundação Chico Mendes, confirmaram a produtora JN Filmes para assinar o projeto. Juntos com seus representantes — Jofre Rodrigues, Néelson Rodrigues Filho e José Cláudio Padilha, assessores pelo advogado Henrique Gandelman, foram submetidos a um verdadeiro *inquérito* de jornalistas nacionais e estrangeiros quanto aos critérios e justificativas de escolha, cifras envolvidas, intenções, prazos e direito de imagem. Um ponto para os insatisfeitos: a decisão, asseguram Ilzamar e Gilson, é irrevogável.

De camisa verde, com a inscrição "a Amazônia é dos brasileiros — Fundação Chico Mendes", Ilzamar leu uma declaração à imprensa justificando a indicação da JN Filmes. Na decisão, não foram levados em consideração apenas questões econômicas, mas "aspectos morais e pessoais". Depois de ler "espero que entendam e respeitem minha decisão e a de meus companheiros", Ilzamar concluiu: "O mais importante para mim não é o filme e quanto vamos ganhar. É a luta, a resistência aos desmatamentos na Amazônia e a defesa do meio ambiente e das pessoas que lá vivem". Gilson Pescador enfatizou que "apesar da crise do nosso cinema, optamos por um voto de confiança na nossa capacidade" e que a JN Filmes "apresentou a melhor proposta do ponto de vista técnico".

O direito de levar a vida de Chico Mendes à tela foi adquirido por US\$ 1.760 mil a serem pagos a cotações do câmbio oficial, da seguinte forma: US\$ 860 mil nos seis primeiros meses (desse total, US\$ 160 mil serão destinados à primeira viúva e filha de Chico Mendes, US\$ 210 mil à Ilzamar e filhos, o restante à Fundação Chico Mendes); US\$ 500 mil de antecipações sobre bilheterias e US\$ 400 mil em



investimentos feitos em Xapuri durante as filmagens e que serão repassados à Fundação). Detalhe: por contrato, esse direito não é negociável, e as parcelas prometidas não podem atrasar mais de 30 dias sob pena de perda desse direito. A proposta da Warner Bros., finalista na concorrência, foi considerada "irrisória". Para garantir a fidelidade à vida e obra de Chico Mendes, quatro membros ainda não escolhidos pela Fundação acompanharão a realização do argumento, a ser feito por Márcio Souza, e roteiro, por um estrangeiro. A produção pretende convidar Robert de Niro, Dustin Hoffman ou Al Pacino para o papel de Chico Mendes. Walter Avancini, o diretor convidado, assistia a coletiva, e comentou, após uma fala de

Néelson Rodrigues Filho defendendo a "brasilidade do filme": "A decisão foi de identidade ideológica. Será tão difícil entender isso?"

A decisão, considerada "apressada" por alguns jornalistas, foi um ponto polêmico da entrevista. Nas mãos de quatro membros da Fundação Chico Mendes-Ilzamar, Gilson e os sociólogos Mary Allegretti e Steve Schwartzman — a escolha foi feita por três, pois Steve estava no exterior e não votou. Se o fato caracterizaria ou não uma irregularidade foi rebatido por Gilson: "Havia um prazo para a votação. Se ele não mandou seu voto, como fez a Mary, foi por que não quis". Outro início de polêmica foi deslançado com a declaração de Paula Barreto, filha do produtor Luiz Carlos Barreto, atualmente em Londres, de que uma proposta do pai, em associação com a Cecchi Gori Pentafilme (empresa italiana), foi encaminhada de Cannes ao advogado Alan Schwartz, em Los Angeles, como sugerira Allegretti. Gilson e Ilzamar garantiram que nunca viram a proposta. Pescador ressaltou: "Se ele tinha tanto interesse, deveria ir a Xapuri entregá-la pessoalmente, como muitos fizeram".

Enfim, o roteiro do filme Chico Mendes mal começou. E segundo Roberto Farias, presidente do Concine, e presente à coletiva "a decisão é indiscutível. Quem não gostou, pode continuar a discussão, mas não vai mudar nada".

Presença do Acre no Rio

GRAÇAS à semana do meio ambiente, o carioca chegará bem perto de um fato de repercussão internacional — a tragédia de Chico Mendes, a vida nos seringais, os músicos e pintores do Acre. Hoje, às 20h no Circo Voador, o evento *Acre e meio ambiente — uma noite amazônica*, que a Fundação Cultural do Acre conseguiu trazer por apenas um dia ao Rio para os festejos ecológicos, mostrará que a selva não está totalmente devastada pela tristeza. No meio da miséria, a rabeça (violino nortista) do compositor e contador de *causos* Hélio Mello, 56 anos, vive de animar festa em seringal. Ele faz parte do espetáculo de músicos de todas as naturezas amazônicas que começa logo após uma nova apresentação da peça-documentário *Tributo a Chico Mendes*, de João das Neves (ver crítica).

Hélio Mello não é apenas um velho festeiro acreano. Ele é o pintor que assina a exposição individual inaugurada hoje no Circo Voador, ao lado de uma coletiva de artistas plásticos de Rio Branco, entre eles, Genésio Fernandes, Cerezo e Riva Platas. A beleza de seus desenhos de nanquim sobre papel e cartão já o levou, no ano passado, aos Estados Unidos e, por pouco, aos Provocou uma briga entre cariocas e paulis-

tas — estes não queriam liberar os quadros ainda em exposição no recém-criado Parque Chico Mendes.

O presidente da Fundação Cultural do Acre, Gregório Filho, há dois anos no cargo, informa que, embora o Acre chegue aqui de maneira tão fugaz (não há patrocínio para uma temporada maior), o pintor Hélio Mello dará uma *esticadinha* em nova mostra no Parque Lage. Os músicos também aproveitarão mais uns dias para eventuais aventuras na noite carioca. O compositor mais jovem, Tião Natureza, 30 anos, já emplacou nas rádios acreanas o *hit Chico Rei*, sobre Chico Mendes, é claro. Os outros seriam da velha guarda da floresta: Cesar Escórcio já pedia ao mundo solidariedade muito antes de Sting reclamar por ar puro. Pia Villa é parceiro do antropólogo Terri Valle de Aquino, que vive entre as 12 nações indígenas (oito línguas diferentes) do Acre, e Keila Diniz canta a melodia e as histórias dos índios caxinauás. Os acreanos convidaram para *cantorias* Paulinho da Viola, Luis Melodia, Sérgio Sampaio, Cláudio Nucci e Leila Pinheiro. O carioca saberá ainda mais sobre o que os acreanos pensam do Acre durante o lançamento no Circo do primeiro número (sobre meio ambiente) da revista *Akiru*, editada pela Fundação.

Teatro/ **CRÍTICA** ▶ 'Tributo a Chico Mendes'

Documentário de uma morte

Macksen Luiz

HÁ uma fotografia de Chico Mendes, hoje transformada quase em um símbolo, que mostra o seringueiro falando a seus liderados. Em círculo, os ouvintes estão atentos a Chico, provavelmente escutando a advertência sobre a sua "morte anunciada" ou discutindo formas de resistências (*empates*, organização sindical, projetos de alcance social e a questão indígena). É a cristalização dessa imagem que está no palco em *Tributo a Chico Mendes*, escrito e dirigido por João das Neves.

Logo ao entrar no teatro — na terça-feira a apresentação foi no Teatro Cacilda Becker, hoje será no Circo Voador e a partir de amanhã no Planetário da Gávea — o público é convidado a sentar no chão recoberto de folhas verdes, formando uma circunferência, delimitando assim a área de representação com os seus corpos. Os atores ocupam esse cenário humano com o mesmo discurso da personagem retratada, ao qual o espetáculo acrescenta informações jornalísticas sobre o problema da terra no Acre, a devastação ecológica na Amazônia e retrata alguns costumes dos seringueiros. Mas a montagem deixa clara uma opção de intervenção política direta na realidade. Criado a

partir do pedido dos organizadores do 2º Encontro Nacional de Seringueiros e do 1º Encontro dos Povos da Floresta, realizado em março na cidade de Rio Branco, esse "documentário teatral" projeta sua intenção de esclarecer a platéia sobre a crise que ronda o Acre, sacrificando, até mesmo, a comunicabilidade teatral.

Tanto no início — uma voz em *off* anuncia que estamos no ano 2120 e que "a Revolução Socialista Mundial pôs fim a todos os inimigos da nova sociedade" — quanto no final — o elenco conclama o público a acompanhá-lo numa canção que diz "não desanime, prossiga, você tem que tomar o poder" — não fica qualquer dúvida quanto a opção política que o espetáculo assume. E o ato teatral serve como agente político, como testemunho de uma transformação, inclusive fornecendo os caminhos para que as mudanças se realizem. No caso do assassinato de Chico Mendes, a montagem aponta as entidades responsáveis, faz denúncias, mostra a sua indignação.

Mas o caráter documental de *Tributo a Chico Mendes* nem sempre é tão claro quanto a sua convicção política. A participação da índia, que faz uma distinção entre demarcação de terras e colônia indígena, citando várias siglas sem ao menos esclarecer o que representam (BID — Banco

do Desenvolvimento Econômico; PMACI — Programa de Meio Ambiente e de Proteção às Comunidades Indígenas e UNI — União das Nações Indígenas) acaba por ser um protesto sem a força da argumentação. As imagens reforçam as idéias pela evidência, seja através da crucificação ou na figura do bumba-meuboi (uma representação do povo), que nas mãos dos poderosos é retalhado e que ao se consubstanciar na sua dança ganha vida própria e força contra os inimigos.

As referências ao fabulário amazônico e aos costumes dos seringueiros são especialmente bem captadas. A explicação do que é uma *porongá* (a lamparina que presa à cabeça dos seringueiros ilumina apenas o caminho para frente) ganha uma tradução cênica de grande impacto visual. O uso do serviço de rádio comunitário, a maneira mais popular de comunicação nas distâncias amazônicas, é igualmente bem dramatizado por João das Neves. As histórias de bichos, que mistura o fantástico das lendas com a força telúrica da natureza, tem como narrador um ator-seringueiro que empresta à narrativa uma gestualidade de impressionante riqueza expressiva. Os bailes-forrós também são reproduzidos — com a ajuda da platéia, que forma os pares com os atores — criando uma alegria em meio aos pesados problemas que o texto analisa.

Tributo a Chico Mendes é um espetáculo de intervenção que se explica por uma frase — "nós não temos medo da morte, mas da insuficiência de vida" — e uma intencionalidade — a mobilização por mudanças sociais. Se às vezes o teatro fica em segundo plano, a virulência política de *Tributo a Chico Mendes* impulsiona e justifica a cena.